

Os conteúdos audiovisuais no Museu do Trem: ampliando possibilidades da prática pedagógica no ensino de História

*Audiovisual content in the Train Museum: expanding possibilities
of pedagogical practice in the teaching of History*

*Mariana Zerbone Alves de Albuquerque**

Resumo: Há, atualmente, uma busca pela ampliação de práticas pedagógicas e recursos didáticos que contribuam para um maior sucesso na relação ensino e aprendizagem de História. Diante dessa preocupação, neste artigo, analisam-se as possibilidades pedagógicas para o ensino de História a partir dos conteúdos audiovisuais disponíveis no “Museu do Trem”, em Recife. O percurso percorrido neste trabalho parte da compreensão do ensino de História e suas práticas pedagógicas; na sequência, discute-se o museu como ferramenta para o ensino de História, para, então, analisar o estudo de caso. Desse modo, entende-se que o museu se apresenta como um relevante espaço para o ensino de História, principalmente em vista das diferentes linguagens apresentadas, possibilitando uma reflexão crítico-participativa no processo de construção do conhecimento.

Abstract: Currently, there is a search for the expansion of pedagogical practices and didactic resources, which contribute to a greater success in the history teaching-learning relationship. Given this concern, this article analyzes the pedagogical possibilities for the teaching of history from the audiovisual content available at the Train Museum in Recife. The trajectory traveled in this work is part of the comprehension of the teaching of history and its pedagogical practices, in the sequence discusses the museum as a tool for the teaching of history, and then to analyze the case study. Thus, it is understood that the museum presents itself as a relevant space for the teaching of history, mainly due to the different languages presented, enabling a critical and participatory reflection in the process of knowledge construction.

* Doutora em Geografia pela Universidade de São Paulo (USP). Professora no Departamento de História da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). *E-mail:* mariana.zerbone@ufrpe.br

Introdução

Há uma busca pela ampliação das práticas pedagógicas e dos recursos didáticos que venham contribuir para um maior sucesso na relação de ensino e aprendizagem no espaço escolar. Isso não é uma exclusividade da disciplina de História. O movimento construtivista contribuiu para que a relação professor-conteúdo-aluno não se limite à transmissão de informações, mas que haja a possibilidade de construção do conhecimento de forma dialógica, em que o docente e o discente sejam partes do processo de ensino e aprendizagem.

Para isso, a exploração de novas metodologias de ensino e de uma diversidade de recursos pedagógicos que relacionem o conteúdo, à realidade, à teoria e a prática tem sido desenvolvida pelos pensadores da área de ensino, como pelos professores que atuam diretamente com suas turmas em salas de aula.

Para o ensino de História os espaços museais estão sendo cada vez mais introduzidos à prática docente como espaços educativos e também como recurso didático que contribui de forma complementar na construção do conhecimento e no aprofundamento dos conteúdos apontados nos currículos escolares.

No Recife, essa prática de aula de campo em museus tem sido bastante explorada, tanto pelas escolas particulares como pelas escolas públicas. Existe uma gama significativa de museus na cidade que apresentam programas pedagógicos que possibilitam uma boa interação entre esses espaços museais e as escolas. Os principais museus como o Museu do Trem, o Museu do Frevo, o Museu do Cais do Sertão, o Museu da Cidade do Recife e o Museu do Homem do Nordeste apresentam abordagens bastante interativas, com uma diversidade de recursos e atividades pedagógicas, e com uma relevante exploração dos recursos audiovisuais. Neste artigo o destaque da análise é dado ao “Museu do Trem” e tem por objetivo analisar as possibilidades pedagógicas para o ensino de História a partir dos conteúdos audiovisuais disponíveis nesse museu, localizado em Recife, Pernambuco.

Para uma melhor compreensão da análise, este artigo foi dividido em três seções: na primeira, serão abordados o ensino de História e as práticas pedagógicas; a segunda parte apresenta a relação do museu com o Patrimônio Cultural como ferramentas para o ensino de História; e, por fim, é aprofundada a discussão acerca do “Museu do Trem” e as relações entre patrimônio, memória e práticas pedagógicas.

A escolha por esse museu se deu em razão de ele ser um espaço museal central, gratuito, pelo seu mote de ser um espaço que trabalha com preservação da memória ferroviária e do Estado de Pernambuco e, além de tudo, porque o próprio edifício é um monumento histórico considerado Patrimônio Histórico e Cultural de Pernambuco. Visitas ao museu para observação e realização de entrevistas foi parte do procedimento metodológico para elaboração da pesquisa, além de toda a revisão bibliográfica acerca de ensino de História e espaços museais.

Trabalhar com o “Museu do Trem” (localizado na área central do Recife) é pensar sobre a existência de uma importante técnica modernizadora que foi implementada no Brasil, durante a segunda metade do século XIX, criando novas articulações espaciais e implementando outra dinâmica temporal, porém, que teve sua decadência em meados do século XX, em vista da mudança do padrão de transporte para o automobilístico. Contudo, a rápida e intensa substituição da técnica deixa um grande legado à paisagem além da construção de uma memória coletiva referente a esse período, que é representada neste espaço museal.

Ensino de História e práticas pedagógicas

O ensino de História tem como parte de seu percurso a prática de um método passivo de ensino, no que o professor se apresenta como o fornecedor de informações que precisam ser lembradas pelos alunos, não de forma reflexiva, mas como um acúmulo de conhecimentos, pautado pela memorização-reprodução. A História, como disciplina escolar, foi, por muito tempo, representante de interesses estruturantes, como os interesses de Estado. No Brasil isso não foi diferente. Durante a maior parte do século XX, a História, como disciplina escolar, foi constituída de conteúdos, métodos e abordagens que refletiam interesses dominante no intuito de constituição de uma identidade nacional e de formação de valores cívicos gerais, derivando, assim, a um saber histórico-escolar esvaziado.

Contudo, nas últimas três décadas, tem havido um esforço para transformar essa prática. Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) (BRASIL, 1998, p. 26), “no processo de democratização dos anos 80, os conhecimentos escolares passaram a ser questionados e redefinidos por reformas curriculares dos estados e municípios”. Novas correntes teóricas se consolidaram, no âmbito da construção do pensamento histórico, como também outras metodologias de ensino e aprendizagem foram apresentadas, a fim de trabalhar novas abordagens historiográficas oriundas da academia, que se ampliaram para múltiplas escalas existentes para a compreensão da História.

Refletir sobre a História passa a ser um desafio a ser encarado pelos professores em suas práticas docentes nas escolas. Em tempos de informação disponível e veloz, ser um receptáculo de “conhecimentos gerais” não se adequa às propostas pedagógicas atuais de caráter ativo e de construção do conhecimento, sendo que o discente deve se compreender como sujeito da sociedade histórica.

Despertar o interesse do aluno pelos conteúdos de História é, de fato, um desafio cotidiano da prática docente, o que corrobora a necessidade de se ampliarem as possibilidades metodológicas de ensino. Estimular a curiosidade é central em propostas pedagógicas que se disponham a inserir o aluno, na construção desse conhecimento, como participante ativo. Como afirma Paulo Freire (1996, p. 35), “a curiosidade como inquietação indagadora, como inclinação ao desvelamento de algo, como pergunta verbalizadora ou não, como procura de esclarecimento, como sinal de atenção que sugere um alerta faz parte integrante do fenômeno vital”. Nesse sentido, as propostas metodológicas de ensino de História precisam se pautar por recursos que estimulem a curiosidade dos alunos para que enxerquem a realidade e os processos históricos de maneira crítica e indagadora.

O professor aparece com uma grande responsabilidade nesse processo de ensino e aprendizagem. Circe Bittencourt (2008) afirma que o papel do professor na constituição das disciplinas merece destaque. A metodologia de trabalho desenvolvida e/ou utilizada pelo professor tem uma centralidade no processo de ensino e aprendizagem. As formas de trabalhar os conteúdos e os recursos utilizados podem contribuir (ou não) para a formação de indivíduos críticos e reflexivos. E, não necessariamente, essas possibilidades se encerram nos muros da escola. Conhecer novas realidades, diferentes maneiras de construção de

narrativas, e outros recursos metodológicos não formais contribui para a construção ativa do conhecimento.

Práticas pedagógicas de caráter construtivista têm contribuído para a ampliação de metodologias de ensino de História que possibilitem, cada vez mais, a participação dos discentes como sujeitos participativos e reflexivos na construção do conhecimento historiográfico. Compreender as diversas realidades, suas escalas espaciais e temporais, distintas abordagens acerca das temáticas abordadas no âmbito escolar, pautando-se pela *práxis* (teoria e prática), colabora para a formação de indivíduos conscientes do seu papel histórico e da construção do processo de construção da sociedade.

Nesse sentido, os PCNs de História (BRASIL, 1998, p. 28) apontam para novas percepções desenvolvidas por professores e pesquisadores, as quais “têm levado a reflexões profundas quanto à interação entre teoria e prática no espaço escolar”. O museu como possibilidade dessa interação é o que será abordado no tópico seguinte.

Museu e Patrimônio Histórico e Cultural: ferramentas para o ensino de História

Realizar atividades fora dos limites da escola se apresenta como uma possibilidade relevante no ensino de História, principalmente no âmbito da história local. Essas atividades podem estar pautadas pela visitação de espaços educativos, equipamentos culturais, ou, até mesmo, o espaço público. O leque de abordagem é bastante amplo, contudo essas aulas não devem ser encaradas como simples passeios, mas como parte integrante dos conteúdos curriculares, com uma metodologia bem-delimitada, e os objetivos dessas visitas devem estar muito claros para os estudantes.

Os PCNs da área de História destacam a importância das aulas de campo, reservando um tópico especificamente para isso, ao longo do documento. “Visita a exposições, museus e sítios arqueológicos” como um recurso didático de ensino de História, sendo essa uma oportunidade para os alunos terem acesso a Patrimônios Históricos e Culturais.

Além de gratificante, é altamente instrutivo para professor e alunos o trabalho que envolva saídas da sala de aula ou mesmo da escola para visitar um museu, ir a uma exposição de fotografias ou de obras de

arte, conhecer um sítio arqueológico, etc. Estes momentos são geralmente lúdicos e representam oportunidades especiais para que todos se coloquem diante de situações diferentes, em atividades especiais de acesso a outros tipos de informação e de envolvimento com as vivências sociais mais amplas da sociedade e do conhecimento humano. As visitas aos locais são recursos didáticos favoráveis ao envolvimento dos alunos em situações de estudo, estimulando interesse e participação. Propiciam contatos diretos com documentos históricos, incentivando os estudantes a construir suas próprias observações, interrogações, especulações, indagações, explicações e sínteses para questões históricas. (BRASIL, 1998, p. 90).

Nessas práticas extramuros, os museus assumem um lugar de destaque no ensino de História, como um espaço educativo, pela possibilidade de se trabalhar a preservação da memória coletiva e o Patrimônio Histórico e Cultural, como também aprofundar conteúdos específicos referentes às temáticas abordadas em cada espaço museal. No caso específico desta pesquisa, o espaço museal será abordado nessa perspectiva, como recurso pedagógico para o ensino de História que articula a teoria à prática, e a cultura à educação. Os PCNs de História apontam à importância do espaço que aborde a questão da memória e do Patrimônio Histórico e Cultural, entre esses, os museus.

Os jovens sempre participam, a seu modo, desse trabalho da memória, que sempre recria e interpreta o tempo e a História. Apreendem impressões dos contrastes das técnicas, dos detalhes das construções, dos traçados das ruas, dos contornos das paisagens, dos desenhos moldados pelas plantações, do abandono das ruínas, da desordem dos entulhos, das intenções dos monumentos, que remetem ora para o antigo, ora para o novo, ora para a sobreposição dos tempos, instigando os a intuir, a distinguir e a olhar o presente e o passado com os olhos da História. Apreendem que há lugares para guarda e preservação da memória, como museus, bibliotecas, arquivos, sítios arqueológicos. (BRASIL, 1998, p. 38).

Os museus são importantes espaços de preservação da memória, o que pode contribuir para o ensino de História e a construção do saber histórico. O espaço museal se apresenta como um importante recurso pedagógico, contudo essa não é, necessariamente, a função central do

museu. Historicamente, os museus não são criados com esse propósito. Há uma divergência sobre a origem deles, mas, como afirma Andréa Falcão (2009, p. 10), “foi só a partir do Renascimento que este termo passou a ser aplicado em relação a coleções de objetos de valor histórico e artístico”, mas o que se sabe é que sua função original é abrigar coleções, e foi somente no século XIX que começaram a surgir museus temáticos.

A partir da década de 1970, de acordo com Letícia Julião (2006, p. 27), “intensificaram os debates entorno dos museus nas sociedades contemporâneas”. As reformulações se deram entorno dos museus como espaços de transformação da sociedade pautando-se pelos aspectos culturais e também pela estrutura das curadorias e dos objetivos desses espaços, o que calhou na implementação de práticas educativas interativas. Ainda segundo Letícia Julião (2006, p. 28), “desenvolvendo reflexões críticas acerca da museologia, cultura, memória, patrimônio e educação”, dentre outras coisas, aproximando o museu à prática docente. De acordo com Marília Cury,

para entender essa mudança é importante entender o processo de ressignificação cultural, base de um pensamento que integra cultura e comunicação, ou seja, insere comunicação no processo cultural e defende a dimensão cultural da comunicação. À dimensão da comunicação cultural, ou comunicação de sentidos culturais, insere-se a educação, pois a educação (em qualquer circunstância, inclusive nos museus) só se efetiva se a comunicação se completar, ou melhor, se a mensagem for incorporada ao cotidiano das pessoas. (2013, p. 18).

Essa relação entre ensino escolar e museu tem se tornado cada vez mais próxima, contudo, não necessariamente, há uma integração entre a proposta pedagógica dos museus e a prática docente, e vice e versa. No entanto, uma boa articulação dessas propostas possibilita um salto de qualidade na relação de ensino e aprendizagem de História. Para que se possa trabalhar esse espaço como recurso pedagógico, é preciso que o docente tenha esclarecimento acerca das propostas dos museus escolhidos e como a memória é abordada. De acordo com Andréa Falcão (2009, p. 21), “é importante que se faça uma análise mais atenta sobre o espaço que se pretende visitar e a maneira como o conteúdo é nele veiculado, para que possamos ter um melhor aproveitamento da visita, tanto por parte dos professores como pelas escolas”.

Na atualidade, alguns museus elaboram propostas pedagógicas para melhor dinamizar seu espaço museal, aproveitando da melhor forma toda sua coleção como recurso para a construção do conhecimento, principalmente por ter como principais visitantes alunas de grupos escolares. Chiareli e Romeiro (2014, p. 87) afirmam que o museu passa a ter significado para os estudantes, pois “os saberes oriundos do meio comum vão se reconfigurando e interagindo com essa memória local e coletiva, em um movimento complexo e tensional de conhecimento e reconhecimento (pela assimilação ou pela negação)”.

A aula de campo, nesse tipo de museu, auxilia bastante na compreensão de temáticas e conteúdos que são trabalhados em sala de aula. Ainda de acordo com Chiareli e Romeiro (2014, p. 87), “quando pensamos o museu como ferramenta auxiliar e como espaço de suscetíveis problemáticas, ele nos ajuda na construção do ensino e do aprendizado de História, deixando de ser um local engessado e passando a ser visto como lugar de conhecimento e reconhecimento”.

O museu se apresenta como local interessante para a aprendizagem de História principalmente em vista das diferentes linguagens apresentadas ao visitante, que vão além das narrativas dos professores e dos livros didáticos. A exposição de peças, imagens e recursos audiovisuais contribui para um maior interesse pelo tema abordado. Nesse sentido, Andréa Falcão (2009, p. 21) afirma que “ao oferecer acesso a novas linguagens, tecnologias, conhecimentos e valores, estimulando a curiosidade dos visitantes, museus e centros culturais são reconhecidamente instrumentos que favorecem o aprendizado”.

A relação entre museu e recursos audiovisuais amplia a possibilidade de interesse do estudante em entender a dinâmica proposta pelo museu, pois, de acordo com Eurico Ferreira (2010), os recursos audiovisuais contribuem para o ensino de História por evocar outros sentidos, outras escalas e também o movimento, e por apresentar as narrativas de forma lúdica.

Os recursos audiovisuais partem do concreto, do visível, do imediato, do próximo. Mexem com o corpo, com a pele – tocam-nos e “tocamos” os outros, estão ao nosso alcance através dos recortes visuais, do Zoom, do som envolvente. Nos recursos audiovisuais, sentimos, experimentamos, temos sensações sobre o outro, sobre o mundo, sobre nós mesmos. Os recursos audiovisuais exploram também o ver, o

visualizar, o ter diante de nós as situações, as pessoas, os cenários, as cores, as relações espaciais (próximo – distante, alto – baixo, direita – esquerda, grande – pequeno, equilíbrio – desequilíbrio). Desenvolvem um ver com múltiplos recortes da realidade através dos planos, e muitos ritmos visuais: imagens estáticas e dinâmicas, câmara fixa ou em movimento, uma ou várias câmaras, personagens quietas ou em movimento, imagens ao vivo, gravadas ou criadas no computador. Um ver que está situado no presente, mas que o interliga não linearmente com o passado e com o futuro. O ver está, na maior parte das vezes, a reforçar o que foi dito, o que foi narrado, a história que foi contada. (FERREIRA, 2010, p. 23).

É essa interação entre museus, recursos audiovisuais e práticas pedagógicas que será abordada no próximo tópico, especificamente experienciada no caso do “Museu do Trem”, em Recife.

O Museu do Trem: patrimônio, memória e práticas pedagógicas

A escolha para análise do “Museu do Trem”, situado no Bairro de São José, em Recife, entre tantos fatores, se deu pela sua relevância para o ensino de História de Pernambuco e do Recife, por se tratar de um transporte relevante na transformação das dinâmicas sociais, espaciais e temporais, como também pela condição do edifício em que o museu está instalado, prédio em que funcionou a Estação Central de Trem, tombado como Patrimônio Histórico e Cultural do Estado de Pernambuco, como remanescente do patrimônio ferroviário.

Beatriz Kühn, ao trabalhar o patrimônio industrial, alerta para o aumento da criação de museus a partir de e referentes ao patrimônio industrial, contudo ela percebe a ausência de reflexão acerca de um debate qualitativo sobre esse patrimônio.

Esta análise conflui com recentes formulações feitas por José Manuel Lopes Cordeiro¹, ao evidenciar que a crescente criação de museus da industrialização não é acompanhada de um incremento na reflexão sobre problemas museológicos e museográficos ligados a esses esforços. Parece que se está diante de um acúmulo quantitativo de experiências, sem haver um proporcional salto qualitativo no debate e na compreensão do tema. (KÜHL, 2010, p. 23).

No entanto, não é o que se percebe no “Museu do Trem”. Observe, nesse museu, uma curadoria que está pautada pelas práticas reflexivas acerca de temáticas abordadas, que apontam à importância do Patrimônio Histórico e Cultural tanto do conteúdo do museu como do próprio edifício como patrimônio, e até mesmo sua interação com a cidade.

O “Museu do Trem” passou a funcionar no edifício da Estação Central, em outubro de 1972, porém foi desativado em 1983, tendo sua operação retomada somente em 2014. Desde essa data, sob a curadoria de Aluizio Câmara, o museu passou a contar com uma exposição permanente denominada “Chegada e Partida – A Memória do Trem em Pernambuco”.

De acordo com informações oficiais,

a exposição reconstrói parte da memória ferroviária de Pernambuco, o que inclui inovações tecnológicas, com ênfase na Revolução Industrial, a qual trouxe mudanças significativas nas relações econômicas, sociais, culturais, entre outras. A exposição também aborda todo o imaginário que envolve as ferrovias, como a relação tempo/espaço, passado/presente, os sons que envolvem essas mudanças no cotidiano das cidades, como o apito do trem, os sinos da estação, e toda uma visão poética que remete aos trens.¹¹

Na construção da exposição e nessa nova configuração do “Museu do Trem”, há uma busca pela manutenção da memória ferroviária de Pernambuco, preservação da estação como Patrimônio Cultural e também como um espaço para se pensar nas relações econômicas, sociais e culturais de um Pernambuco de outra época. A temática abordada e a metodologia utilizada nesse espaço museal ampliam as possibilidades de utilização desse como espaço pedagógico para o ensino de História para além da preservação das memórias. A curadoria da exposição contou com a cooperação de ferroviários aposentados, que contribuíram na construção das narrativas do museu, como relatos de experiências, como também cedendo peças de seus acervos pessoais para compor a exposição.

O museu conta com uma média de 150 mil visitantes ao mês. Há uma grande procura por grupos de escolas públicas e particulares do Recife. A maior parte da procura para a realização da visita é de professores de História, que, segundo os monitores, buscam relacionar os seguintes conteúdos: meios de transporte, Revolução Industrial,

história do transporte ferroviário em Pernambuco e patrimônio e memória. Apesar de os professores buscarem fazer a relação com os conteúdos escolares, na maioria das vezes, eles não trazem uma pauta específica, apresentando objetivos mais gerais de interesse na visita e aguardam dos monitores a apresentação da exposição, a fim de aproximar o conteúdo do museu ao assunto trabalhado em sala de aula.

A exposição permanente possui uma diversidade de elementos oriunda de coletâneas do patrimônio ferroviário de Pernambuco, como também de material explicativo referente à memória e à história do transporte ferroviário em diferentes escalas: da cidade do Recife, do Estado de Pernambuco e inter-relações com a dinâmica ferroviária no Brasil.

A exposição Chegada e Partida – A Memória do Trem em Pernambuco ocupa a parte térrea e o primeiro andar da Estação Central. Reúne mais de 500 peças sobre a memória ferroviária pernambucana, como cadeiras, bilheterias, carimbadores, sinalizadores, apitos, relógios, além de fotografias, cartazes, textos e diversos outros aparelhos relacionados no contexto do trem. Na área externa, o público poderá conhecer carroças e locomotiva a vapor do início do século XX. Uma das melhores máquinas a vapor já construídas, com capacidade de puxar 70 vagões, é um dos equipamentos em exibição. Recursos multimídia também fazem parte da mostra, atualizando e deixando o acervo ainda mais atraente. Logo na entrada, o público tem acesso a um vídeo sobre o museu e a história da indústria do ferro e do trem. Numa outra sala, intitulada O Túnel, o visitante é surpreendido com uma imagem, em 3D, de um trem que sai de um túnel e vem em sua direção.²

Há uma proposta de que o visitante faça uma imersão nos conteúdos do museu não apenas pela visão, mas também via audição e tato que são importantes para que se adentre na proposta da curadoria. Os recursos audiovisuais têm uma relevância na dinâmica da exposição. Esses recursos estão presentes em vários ambientes da exposição, como a apresentação do vídeo “Pare, Olhe, Escute”; exibição de vídeo sobre a produção de locomotivas em uma fábrica inglesa na década de 1930; apresentação de um vídeo atual sobre as rotundas na Alemanha que mudam a posição dos trens nas estações; na sala de máquinas, há uma animação que mostra o funcionamento de uma locomotiva a vapor; na sala da construção das ferrovias, há a exibição de um vídeo mostrando a implementação de ferrovias na França durante a Primeira Guerra Mundial; na sala do túnel,

há um vídeo de um túnel ferroviário em uma estrada de ferro americana que estabelece uma relação interativa do vídeo do trem em movimento em direção aos visitantes, no intuito de evocar a sensação de estar próximo de uma linha de trem com o transporte em funcionamento; e ainda, em outro ambiente, há uma roupa de mergulhador usada para a construção de uma ponte férrea (parte de uma ferrovia) com a interação de um som-ambiente de água para simular a atuação do escafandrista.

Apesar de uma imensa gama de matérias de acervo do patrimônio ferroviário existente no museu, os monitores destacam a importância dos recursos audiovisuais, pois, segundo eles, esses recursos dinamizam a apresentação do conteúdo do museu, auxiliando a aproximação com os visitantes e proporcionando certo nível de interação com a exposição. Durante a mediação, a interpretação desses recursos auxilia na construção do conhecimento histórico.

O destaque desses recursos audiovisuais apresentados no museu vai para o vídeo “Pare, Olhe, Escute”, elaborado por André Cardoso (funcionário do museu), exibido na sala didática. Esse filme é formado por uma compilação de imagens antigas referente à malha ferroviária de Pernambuco, com a associação das músicas “Trenzinho Caipira”, de Heitor Villa-Lobos, interpretada por Zé Ramalho e “Trem de Alagoas”, de Ascenso Ferreira, interpretada por Inezita Barroso. O título é uma alusão à placa existente nos cruzamentos de linhas férreas, que chama a atenção para que o visitante entre no universo ferroviário, compreendendo o impacto cultural da ferrovia no Estado de Pernambuco.

As músicas associadas às imagens apresentadas possibilitam a compreensão dinâmica do transporte ferroviário na transformação dos espaços e das sociabilidades desenvolvidas a partir da interação com esse meio de transporte, como está apresentado nas letras das músicas a seguir:

Trem de Alagoas (Ascenso Ferreira)

O sino bate,
o condutor apita o apito,
solta o trem de ferro um grito,
põe-se logo a caminhar...
Vou danado pra Catende,
vou danado pra Catende,

Trenzinho Caipira (Heitor Villa-Lobos)

Lá vai o trem com o menino
Lá vai a vida a rodar
Lá vai ciranda e destino
Cidade e noite a girar
Lá vai o trem sem destino
Pro dia novo encontrar

vou danado pra Catende
com vontade de chegar...
Mergulham mocambos
nos mangues molhados,
moleques mulatos,
vêm vê-lo passar.

Adeus! Adeus!
Mangueiras, coqueiros,
cajueiros em flor,
cajueiros com frutos
já bons de chupar...

Correndo vai pela terra
Vai pela serra
Vai pelo mar
Cantando pela serra do luar
Correndo entre as estrelas a voar
No ar no ar no ar no ar no ar
Lá vai o trem com o menino
Lá vai a vida a rodar
Lá vai ciranda e destino
Cidade e noite a girar
Lá vai o trem sem destino
Pro dia novo encontrar
Correndo vai pela terra
Vai pela serra
Vai pelo mar
Cantando pela serra do luar
Correndo entre as estrelas a voar
No ar no ar no ar

A partir de entrevista realizada com mediadores do “Museu do Trem”, ao questionar qual é o objetivo da instalação na sala “Pare, Olhe, Escute”, eles afirmam que esse espaço foi organizado com a proposta de inserir o visitante no universo ferroviário pernambucano, mostrando a diversidade de elementos que compõe esse patrimônio ferroviário, ressaltando seus impactos sociais e culturais no Estado de Pernambuco. E destacam que a partir do vídeo apresentado e sua relação com as músicas, eles levantam reflexões sobre os elementos do patrimônio ferroviário ainda presentes nas cidades e que estejam próximos do público.

Após os visitantes assistirem ao vídeo, os mediadores abrem a possibilidade para um debate acerca de algumas questões como a memória ferroviária, a preservação do patrimônio e o processo de modernização do País através da rede de transporte ferroviário, como é possível observar na Figura 1. É preciso que os visitantes façam a relação das imagens exibidas e a letra das músicas tocadas para que reflitam acerca da dinâmica do transporte ferroviário. De acordo com os monitores do “Museu do Trem”, esse é o espaço que chama mais a atenção dos visitantes, principalmente dos grupos escolares, pois proporciona o debate e a interação entre estudantes, professores e mediadores.

Figura 1 – Visita de um grupo escolar à sala didática após a exibição do filme “Pare, Olhe, Escute”



Fonte: Acervo da autora, maio 2019.

Ao realizar uma análise desses recursos, através de pesquisa e observações, foi possível identificar a potencialidade desse espaço. A utilização dos recursos audiovisuais junto com todo o acervo do museu permite ao museu que seja explorado como espaço educativo e recurso didático trabalhando o saber histórico de maneira interdisciplinar: com as matérias de português em vista do uso da linguagem escrita no formato de poema e letra de músicas, com geografia quando é abordada a espacialização das ferrovias, a delimitação do território de abrangência e os processos migratórios; como também, com artes com a utilização da fotografia e de pinturas referentes ao transporte ferroviário apresentado no vídeo. Contudo, as possibilidades não se encerram aí, pois cada professor e grupo de alunos irão aproveitar os recursos apresentados pelo museu de acordo com seus interesses e criatividade em relação ao processo de construção do conhecimento.

Considerações finais

Entender a dinamização das práticas pedagógicas e metodologias de ensino é dar um grande salto para a construção de conhecimentos de maneira crítica, reflexiva e inclusiva. A utilização de espaços museais

possibilita essa dinamização, principalmente no que tange ao ensino de História. Essa compreensão deve ser inserida nos cursos de formação de professores, como nas licenciaturas em História e Pedagogia. Apresentar essas possibilidades aos graduandos nas universidades contribui para que a utilização desses espaços e recursos se torne mais frequente na prática de ensinar dos professores do Ensino Fundamental.

No caso apresentado neste artigo, o do “Museu do Trem” em Recife, percebe-se sua potencialidade como espaço educativo, por sua diversidade de acervo, por sua proposta pedagógica e também por todo trabalho museológico cujo intuito é a preservação da memória, da História e do patrimônio. A possibilidade de abordagens é ampla em razão da temática central do museu, do transporte ferroviário como uma técnica transformadora, que perpassa por diversos âmbitos os conteúdos não apenas do ensino de História, mas proporciona uma abordagem interdisciplinar pela diversidade de linguagens adotada na exposição, como também em função da transversalidade do conteúdo abordado.

É compreendendo os museus para além de espaços de exposição de coleções e de lazer que esses espaços museais podem, de fato, contribuir para o ensino da História através da memória, do patrimônio, das temáticas abordadas e dos recursos utilizados.

Notas

¹ Disponível em: <http://www.cultura.pe.gov.br/pagina/espacosculturais/museudotrem/>. Acesso em: 25 abr. 2019.

² Disponível em: <http://www.cultura.pe.gov.br/pagina/espacosculturais/museudotrem/>. Acesso em: 25 abr. 2019.

Referências

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. *Ensino de História: fundamentos e métodos*. São Paulo: Cortez, 2008.

BRASIL. PCNs. *Parâmetros Curriculares Nacionais*. Seção História. Brasília: MEC, 1998.

CHIARELI, Larissa Salgado; ROMEIRO, Kauana Cândido. Museu e ensino de História: pensar o museu como local de conhecimento e aprendizagem. *Revista Confluências Culturais*, v. 3, n. 2, p. 85-93, set. 2014.

CURY, Marília. Educação em museus: panorama, dilemas e algumas ponderações. *Ensino em Re-vista*, v. 20, n. 1, p. 13-28, jun. 2013.

FALCÃO, Andréa. Museu como lugar de memória. *Revista Salto para o Futuro: museu e escola: educação formal e não*

formal, ano XIX, n. 3, p. 10-21, maio 2009.

FERREIRA, Eurico. *Uso dos audiovisuais como recurso didático*. 2010. 75 p. Dissertação (Mestrado em Ensino de História e Geografia) – Universidade do Porto, Porto, Portugal, 2010.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

JULIÃO, Letícia. Apontamentos sobre a história dos museus. *Caderno de Diretrizes Museológicas 1*. Belo Horizonte: Superintendência de Museus; Secretaria de Cultura de Minas Gerais, 2006.

KÜHL, Beatriz Mugayar. Patrimônio industrial: algumas questões em aberto. *Arq. Urb.*, v. 3, p. 23-30, 2010. Disponível em: <http://www.cultura.pe.gov.br/pagina/espacosculturais/museudotrem/>. Acesso em: 14 abr. 2019.